

Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 4 de Setembro de 1993 • Ano L - N.º 1291 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Tribuna de Coimbra

Cada rapaz é um caso

JUNTO da nossa fonte cruzei-me com o «Fabinho». Tantas vezes assim, com ele e com os outros. Era ao fim da tarde. O dia esteve quente e a nossa água, nascida nas profundezas do olival da mina, corre pródiga, fresca e reconfortante.

Sentei-me. Há muito que não olhava para ele assim: «fundo». Nem sempre. Eles são um grupo numeroso — os mais pequeninos. As necessidades do imediato e a rotina turvam este «olhar» e impedem uma relação de «fundo»: mais disponível e atenta. Percebendo ele que a minha comunicação estava sem interferências, chegou-se e, num «sem-cerimónia», sentou-se nas minhas pernas. São quatro anos e uns olhos de cristalino azul. Apesar do seu ar feliz e confiante, aquele meu olhar «fundo» não deixou de se tornar um encontro com a sua triste história de abandono.

Revi, como num filme, o dia em que fui à procura dele. Foi há cerca de um ano, num bairro social de uma zona suburbana de Lisboa. Não foi difícil descobrir os flagelos que estigmatizam muita desta gente, ali tantas vezes despejada: droga, prostituição e tensões de toda a ordem provenientes de uma vida de relação desumana.

Fui lá com uma informação social na mão, por sinal digna de registo: Era um andar alto. Não tinha água nem luz. Foram cortadas. A mãe, há meses que tinha abandonado o lar e o pequeno aos cuidados do pai — um homem sem trabalho nem perspectivas de vida. Dois dos mais velhinhos vagueavam pela rua durante o dia; um deles, quantas vezes, por lá ficava até noites seguidas, sem se saber com quem... Um cheiro nauseabundo invadia a casa toda. A falta de higiene e o desalinho eram marca dominante. Um ar

de cera emoldurava o rosto do pequenino Fábio, a vincar, neste ambiente sombrio, a subnutrição e ausência de afecto.

Cá em baixo, soube coisas escabrosas sobre a vida que o mais velhinho já levava; se as não tivesse ouvido da própria boca do miúdo, não teria acreditado...

Nessa tarde vieram os três. O mais velhinho muito marcado. Tem razão! Vamos ver se consigo pôr alguma paz na sua «justa» revolta. Vai levar tempo e jeito... Apesar de tudo, temos conversado. E, num sorriso, quase lavado e sem culpa, o pequenito descreve uma enorme vontade de ser amado para crescer. Ele compreende. Sim, é preciso que consinta ser amado, sem desconfiança. É preciso restituir-lhe a confiança que os caminhos ínvios da prostituição lhe iam roubando...

Há dias, no final de uma Missa do Pedi-

tório, abeirou-se de mim um emigrante triste para dizer: «Não pensava que na nossa terra já se fazia também tanto mal aos pequeninos...!». Tinha falado de um outro na homilia daquela Missa.

Ao meu colo, o «Fabinho» é um caso; cada rapaz, é um caso, aliás. Uma história que procuramos refazer, de olhos postos neles e em Deus... É preciso, antes de tudo, que o rapaz acredite nele próprio; da parte de Deus — nenhuma dúvida. É preciso a nossa paciência, o nosso amor. Por vezes, exigências certas que brotam da mesma dinâmica do amor, incompreendidas porque de efeito não imediato... Sempre e em tudo: «Não há rapazes maus...», como ensinou Pai Américo.

Padre João

10/07/93

Mudança da viúva Ana com os seus cinco filhos e os magros haveres. Sejam: dois embrulhos pequenos de roupa, grelha de carvão, uma bacia e duas garrafas, uma cadeira e três luandos, numa caixa alguns taracos de cozinha. Não chegou a cinquenta quilos de peso!

A viúva Ana mudou para uma casa da «comunidade» — por ser maior e para ser amparada pela mesma.

Vida cristã é isto.

12/7/93

Visita a uma família de refugiados... Muita pobreza... Impressionante!

MALANJE dia-a-dia

Na cozinha, nada... A um canto, a velhinha acocorada que a Irmã me tinha dito para confessar. Muito magrinha e de olhos tão vivos... Falou em quimbundo. Santa de Deus!

Depois da confissão a

Irmã meteu a mão no bolso do avental e tirou um embrulhinho em pano branco — dizendo: «A comunhão. Ele, hoje, veio no bolso, mas já tem vindo no meio dos pacotes do feijão e do arroz. É nestas andanças

que Ele anda feliz!». E, é.

Desembrulhei com jeito, pensando num relicário dourado... Qual? Uma caixinha minúscula de lata pobre! Como Ele-Menino-Bebé na manjedoura da gruta.

Ai, se os cristãos se

sentassem nesta cozinha de terra batida, teriam, talvez, a coragem de devolver ao Cristianismo a sua verdadeira face!

16/7/93

Foi assassinado o Elias. Ataram-no numa árvore e ali

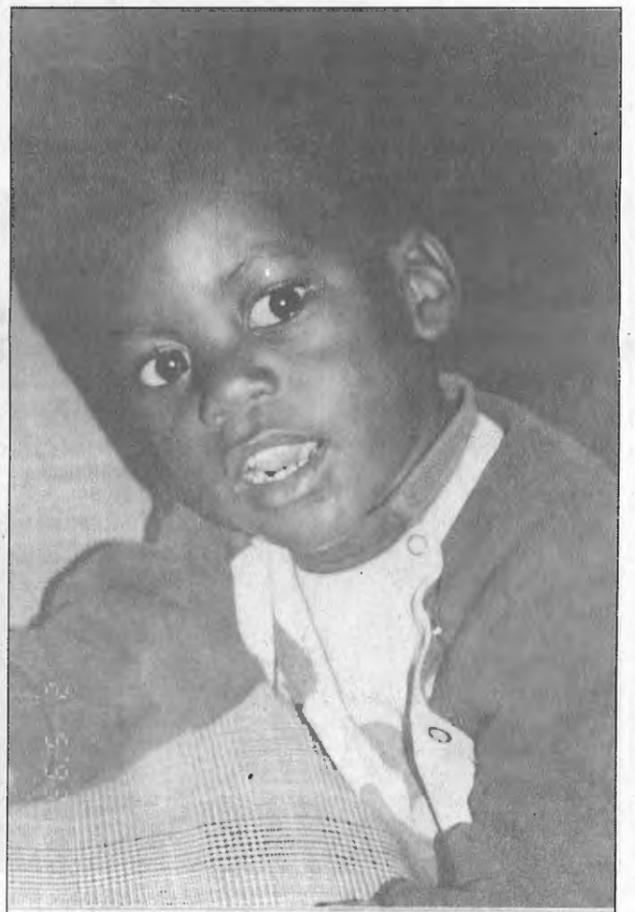
ficou exposto ao sol e às aves.

Era catequista do Bumba. Um homem tão bom e pacífico! Tantas vezes nos encontrámos na sua catequese... Fica-me na alma a imagem viva da sua mansidão.

Continua na página 3

O Bruno, «Batatinha» de Moçambique.

Casa-mãe da Casa do Gaiato de Benguela



Conferência de Paço de Sousa

NOVOS POBRES — As Conferências Vicentinas não encerram para férias. Há sempre um ou outro servo atento aos problemas do dia-a-dia: para se acorrer a dificuldades gritantes, a compromissos normais.

Infelizmente, os Pobres não têm férias! E, na actual conjuntura, os *novos Pobres* sofrem — dolorosamente — as consequências da recessão que poderá ter explicações a nível científico, mas não para o comum dos mortais, especialmente para os que sofrem, na pele, a crise instalada a nível mundial.

Um homem, nosso amigo, encontra-nos e precisa de desabafar. Encostámo-nos à borda do caminho. Sós. Ouvimo-lo com interesse, enquanto vemos o ritmo da Natureza: as aves do céu, os bichos do monte; o milho a crescer, os cachos de vinho verde a amadurecer — único no Mundo, como o Porto das escarpas da Régua.

— A empresa onde trabalho, faliu... Q'há-de ser de mim, dos meus!?

Concentrámo-nos ainda mais no factor Natureza que o bom Deus criou. Nas maravilhas da Criação. E lamentámos interiormente que, pelo Mundo fora, os poderosos e especuladores, os fautores de guerras, conflitos e subdesenvolvimento — também motivadores da crise — não respeitem a Fraternidade, o amor à Humanidade, especialmente aos mais pobres.

PARTILHA — Cinco contos, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e, em geral, mais envergonhados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — Paço de Sousa — que distribuirão como melhor entenderem, por intenções que o nosso Deus sabe e Nossa Senhora também».

A «migalhinha», da «Avó dos cinco netinhos» — Setúbal — «com muito carinho, agradecendo a Deus poder enviá-la todos os meses». Quão rico o carinho dos avós!

Do Porto, «uma recente assinante d'O GAIATO» manda cheque «para cobrir a assinatura do Jornal e o restante destinado à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É muito pouco, mas de boa vontade. Deus inspira-nos e entra nos corações abertos. Ele

Pelas CASAS DO GAIATO

dê Força para podermos trabalhar, para nos podermos ajudar uns aos outros — e a paz para as nossas vidas».

Casal-assinante 15693, também do Porto, uma preciosa carta, «apenas com duas palavras: o cheque, que segue, é de Acção de Graças pelo 50.º aniversário do nosso casamento». Os nossos parabéns. Em nossos dias, estes exemplos práticos, ricos de doutrina!, servem para melhor se entender a transcendência do sacramento do Matrimónio cristão.

Mais um cheque, da assinante 20174, de Coimbra, «pequena ajuda que farão a favor de aplicar como lhes aprouver. Não agradeçam». Cumprimos. Vale a pena acentuar a delicadeza deste, e dos óbulos que caminham na procissão!

O nosso Padre Carlos trouxe, do Porto, dois sobrescritos discretos com presenças anónimas: 2.500\$00 e 1.000\$00. Outra, de Lisboa, a assinante 29445 com cinco mil: «Anónima, por favor». Que delicadeza!

Durban — África do Sul: «Celebramos o nosso 29.º aniversário de casamento e queremos partilhar a nossa alegria com esta insignificância (50 rand), que enviamos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus; à qual dareis o melhor destino, para o caso de maior necessidade». Reforçamos quanto já dissemos. Abençoado Matrimónio!

Assinante 24369, de Figueira de Castelo Rodrigo, com pesada nota, mas lamentando «a entrega de tão pouco, produto de trabalho feito com sacrifício dos meus 87 anos, pensando nos que precisam e não poder ajudar como desejaria». Riqueza divina que emerge da alma desta anciã!

Outra vez Coimbra, pela mão da assinante 9708: «Vai um cheque para o que for mais preciso. Na farmácia, os medicamentos são cada vez mais caros e a deixarem de ter participação nos descontos. É por alma de meus pais». Os mais pobres é que sofrem...!

Habitual remessa, de Santa Cruz do Douro — Baião. Idem, da assinante 31104, de Lisboa: «O modesto contributo, deste mês, ofereço-o por alma de meu querido pai que tanto amei». Laços de família que perduram, são um estímulo para as novas gerações!

Assinante 5471, do Porto, manda «esta gotinha de água» (dez contos) para os nossos irmãos mais carenciados. Não agradeçam! Não façam mais do que a minha obrigação». Cumpre o primeiro Mandamento.

Mais um cheque, do assinante 8296, da Capital, «pequena gota para o oceano de necessidades dos Pobres. Que Deus abençoe a vossa sublime acção». E a do nosso Amigo, também.

Presença da «Avó de Sintra»: «Graças a Deus já consigo ler e escrever, o que considero um verdadeiro 'milagre' que não deixo de agradecer. Lhe de todo o meu coração». Abençoada recuperação!

De passagem, o assinante 31168, de Valadares, deixa três mil. Mais cinco, da assinante 14493, do Porto, «referentes ao mês de Agosto». Cotas mensais. O dobro, da assinante 57002, de Matosinhos, «pequena ajuda, com muito carinho, para um dos vossos Pobres. Só peço uma oração por mim e meus familiares». A procissão caminha nas Mãos do Senhor!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — Estão quase no fim! O 3.º e último turno está a gozar os últimos dias de praia. Só esperamos que eles venham contentes e com saudades do trabalho.



É o «Guga»

FUGITIVOS — Têm fugido alguns rapazes e, como é normal, são castigados. Joaquim, «Dinamite», «Doninha», e Renato, ainda não apareceram.

Na véspera do 3.º turno ir para a praia, em Azurara, o «Bombeirinho», o Costa e o Telmo abalaram e chegaram após a partida. O chefe castigou-os: não foram para a praia.

Esperamos que todos regressem... Até o «Cabecinhas» e o Armando, que não fugiram mas foram levados e deixaram-se levar... Tem acontecido!

FRUTA — O pomar está carregado! Mais um tempinho e a fruta ficará madura. Já não saboreamos doce de maçã há muito tempo!

CARAS NOVAS — Recebemos mais três rapazes. Primeiro, o Pedro, que no meio da malta é mais conhecido por «Chouriço». Depois, o Frederico e o Miguel (irmãos). Ainda não foram baptizados, mas não tardará. O Pedro «Chouriço», com o seu humor, às vezes, abusa um bocadinho; mas, com o tempo, virá a portar-se bem.

LAR DO PORTO — Será aberto aos estudantes do 7.º e

8.º anos que irão estudar para a cidade Invicta. Esperamos que, um dia, também sirva mais alguns trabalhadores.

ESCUTEIROS — Esteve acampado, em nossa Casa, durante uma semana, um grupo de escuteiros de Santo Tirso. Gostámos muito de conviver com eles.

«Vitinho»

TOJAL

FÉRIAS — Agora só para o ano, pois as deste Verão já estão arrumadas.

Andámos mais um ano como o povo cigano — de um lado para o outro. No que vem, se tudo correr bem, esperamos finalmente poder inaugurar a nova casa da praia.

Umhas boas férias para todos.

OFERTAS — Muito temos de agradecer a Deus. É por Ele que os nossos colaboradores fazem chegar, aqui, muita coisa boa. E ao vermos aquilo que chega pelos preços do mercado — ninguém poderá dizer que não é uma dádiva de Deus.

Ofereceram-nos sumos, no princípio de Julho, e no mês de Agosto voltaram a fazer uma dádiva igual — o dobro da outra. Semanalmente, é uma carrada de fruta. E, de vez em quando, os saborosos iogurtes!

Por tudo isto só temos de agradecer a Deus e aos nossos Amigos.

OBRAS — As nossas casas precisavam de obras exteriores. Desde que foram construídas nunca mais se lhes mexeu. Alguns estudantes mais velhos foram incumbidos de limpar as telhas, etc. Uma boa poupança! Agora, as casas limpas dão outra vivacidade à nossa Aldeia.

TOMATE — O tomatal não nos vai deixar fixar mal! Pelo fruto já colhido, e o que está por apanhar, não teremos falta de tomate durante o ano.

Luis Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Hoje vai para o Porto a minha migalhina, que o Pai do Céu vos abençoe» — 2.000\$00.

Uma dádiva preciosa de D. Lídia para que o nosso cofre não fique vazio — 6.000\$00. Deus lhe dê saúde e muito obrigado pelas suas palavras.

Do assinante 12422, e sua esposa, «a mensalidade do costume e o subsídio de férias 20.000\$00 — com um abraço», que retribuimos.

«Que o vosso amor para com os Pobres seja cada vez mais pródigo. Da vossa irmã em Cristo, 20.000\$00», diz a assinante 2781.

«Uma migalhina para ajudar ao S.O.S. mais aflito que tenham. Que Deus lhes dê saúde e coragem para continuarem a vossa obra de amor» — 5.000\$00.

Assinante 33315, um vale de 12.000\$00. Outro, dum assinante do jornal, 10.000\$00. De um amigo que leu O GAIATO de 26-6-93, mais 20.000\$00. Muito obrigado.

Assinante 9550: «Nunca quero o meu nome publicado. Basta que o Senhor o conheça». Envia 20.000\$00. Da nossa amiga (que nunca se esquece) D. Leonilde, 7.000\$00. Idalina, 20.000\$00. De uma outra amiga, de oitenta anos, 10.000\$00, muito tocada com aquela mãe de quatro filhos.

Bem hajam todos e Deus nos ajude — a nós e a vós — a ter muita coragem e amor para dar a todos os que carecem de alguém.

Um grande abraço de todos os vicentinos.

Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

Maria Germana e Augusto



Expressão de alegria

Frederico

AGORA

Uma expressão do carácter activo dos nossos Leitores

Graças a Deus têm crescido em número e em assiduidade os redactores d' O GAIATO, pelo que se torna mais difícil dar notícias do que nos dão, tantas são as presenças e várias as intenções.

Porém, esta coluna, que tem rareado demais, pertence a muitos que, pela sua constância e pelas mensagens que acompanham seus dons, também adquiriram direito ao estatuto de redactores. Eles são uma força de opinião a fazer do nosso jornal o *Famoso*, ao mesmo tempo consequência e causa deste ser. Não se busque nela, pois, um relato exaustivo de donativos, antes uma expressão do carácter activo dos nossos Leitores que se constituem um eco enriquecedor do pequenino mensageiro.

Professores

Abrem-na hoje membros de uma classe que queríamos prezar sem excepção alguma e de quem já temos tido queixas com duplo pesar: o da queixa...; e pela razão dela vir de quem vem.

Passa a primeira Professora, de Felgueiras:

«Junto um cheque com uma pequena quantia que os meus alunos foram juntando ao longo do terceiro período. É uma turma da 4.ª classe que eu vi abusar bastante nos bolos, nas chiclets e outras coisas que só podem prejudicar e, por isso, resolvi motivar para aplicarem o dinheiro em situações mais úteis. Todos concordaram e só foi pena não termos começado mais cedo.»

A segunda, não sei de onde é:

«Com muito mágoa, pois é grande o meu atraso, faço o propósito de, daqui em diante, ser mais atenta aos Pobres, lição maravilhosa que, além de outras, recebi dos meus tão saudosos, queridíssimos e santos pais, tão apaixonados pela Obra da Rua.»

Tenho uma grande ternura pela criança e pelos velhinhos, pelo que fico sensibilizada pela grande atenção que lhes dão na Obra da Rua.»

A terceira é de Braga:

«Vai esta pequena partilha para o que acharem mais necessário, pois tenho total confiança em vós.»

Como professora, sinto bastante as carências dum amor autêntico nas relações familiares nos nossos tempos. Tento também dar aulas com muita dedicação para ajudar um bocadinho a crescer o Amor.

Assim, peçamos-Lhe que nos ajude a 'ajudá-IO' a ser tudo em todos.»

As quartas são de Algés:

«Somos professoras e lidamos com jovens dos nove aos quinze anos detectando muitos problemas, sentindo por vezes dificuldades, frustração e cansaço, mas continuando e retomando sempre a caminhada. Como lamentamos que a pedagogia do Padre Américo não seja aplicada no nosso ensino. Ele foi realmente um grande pedagogo e a sua pedagogia do amor e da firmeza, a pedagogia do trabalho e da responsabilidade, a pedagogia da disciplina e do respeito pelos Outros sem perda da liberdade, fazendo de crianças que vieram da lama, homens responsáveis e dignos, é, na verdade, a pedagogia de uma autêntica Escola de Vida. Os livros que temos, e temo-los todos, publicados pela Casa do Gaiato, são magníficos orientadores e todos os responsáveis pelo ensino, principalmente os 'grandes' responsáveis, deviam lê-los e aprender com eles.»

Catequistas

Finalmente, um grupo de catequese do 1.º ano de uma paróquia de Aveiro, a quem empresta a voz a sua professora — a voz e a ideia, com certeza:

«Ao longo do ano aprendemos a ser amigos e fomos conhecendo todas as semanas o nosso melhor Amigo, Jesus.»

Temos aprendido a amarmo-nos uns aos outros como Jesus nos ama. Também de descoberta em descoberta, falámos de vós, uns irmãos que vivem em comunidade na Casa do Gaiato. Falou-se do Padre Américo e como ele soube pôr em prática aquilo que Jesus nos ensinou.

Nós somos pequenos, temos entre seis e sete anos, mas uma coisa nós sabemos: é bom sermos amigos e, melhor ainda, é termos Este nosso Amigo comum, Jesus.»

Já agora, dois outros grupos: O dos empregados do Banco Borges & Irmão — Sede, que todos os anos aparecem pela ocasião do Natal; e a Comunidade Portuguesa de S. Francisco Xavier — Paris com a sua Renúncia Quaresmal: «Esperamos que o vosso trabalho corra sempre pelo melhor na promoção dos Homens que hoje são gaiatos. A nossa solidariedade é modesta, mas do coração.»

O decorrer dos anos não desgastou o entusiasmo

É a vez dos a quem o decorrer dos anos não desgastou o entusiasmo: A Lígia, de Fiães; a Maria Leonor, do Porto; as Costureiras do Hospital de Santo António; um irmão no Sacer-

dócio, que é homem de todas as horas; a Alice, de Gaia; o C. F., da Amadora; a M. M. «para a simbólica Casa da Paz»; as «três Mosqueteiras» da Força Aérea; o casal M. M. — A. L. e a M. L., siglas tão velhas conhecidas e carregadas de afecto; um Professor das Novas Profissões e uma filha que muitas vezes o acompanha; a «Zé Ninguém» com as suas várias remessas, que chegam sempre — pode ficar descansada; e a Júlia, para quem «essa Casa é a minha segunda Família».

O Alberto, do Porto; Albertina e Aarão da mesma cidade; e Alzira, não sei de onde. O que tem caído no mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, que há tempos foi violado e creio não estar operacional. Quatrocentos mil escudos das economias deixadas por uma Maria-empregada doméstica — e entregues por um José, de Ermesinde. Sessenta, de Lisboa, Rua Cidade de Lourenço Marques; vinte, de Ferreira do Zêzere; cinquenta, de Aveiro; o mesmo, da Figueira da Foz e, «como Deus me deu a graça de uma casa minha, aqui vai uma migalha para tijolos». Dez, «para comemorar os meus 25 anos de casamento». Muitas «fatias» de subsídios de férias, de Natal e de outras renúncias, frequentemente repartidas também por outros destinos que não só os Autoconstrutores. Nestas fileiras se incorporam vários militares de muitas patentes — guerreiros da paz. Também gentes de todas as idades, como esta velhinha de 90 anos a quem «custa muito a escrever porque a vista já me vai faltando». E outros sufragando os seus que o Senhor já veio buscar. E, cada vez mais generalizados estes requintes de delicadeza: «Não precisam de agradecer. O que se faz por amor de Deus e do Próximo não tem agradecimento». Ou então: «Não acusem, que pelo extracto do Banco eu saberei que receberam». E ainda: «Se bem que o nosso desejo fosse uma participação, embora pequena, no auxílio a alguém em dificuldades por não ter casa, deixamos ao vosso critério o destino da nossa pequena oferta».

Outra nota bela

Outra nota bela: Muitas presenças denunciam a fonte de onde brota a inquietação e solicitude que as ditaram: amor herdado dos pais. «Minha mãe sonhou sempre ter casa própria e apesar de ter trabalhado muito nunca conseguiu realizar esse sonho. Consequente eu com a ajuda de Deus e sei quanto alegria me deu.» Por isso... aí está ela!

Outro, que é do Castelejo e escreve de Merignac. Seu pai partiu há pouco. Era um apaixonado!

La continuar..., mas reparo que esta crónica vai já muito longa. E a carta em que ia pegar, não sofro que vá amputada. Até à próxima.

Padre Carlos

teu dom de renúncia e amor».

Hoje veio correio. Há muito que não vinha. Fiquei surpreso com o monte de cartas...! E, oh maravilha!, quase todas numa resposta singela, eficaz e comovente ao nosso apelo. Quatrocentos contos! Podemos comprar muitos sacos de arroz e, se não resolve, pelo menos atenua a fome.

Deus seja louvado!

Padre Telmo

DOCTRINA



Nem eu me canso de pedir nem tu de dar

O continente de uns litros de azeite que alguém entregou na Gráfica, no Natal, para o Natal dos Pobres, espera ali que o vão buscar e eu espero que não. Se na próxima semana o recipiente não for levantado pelo seu dono, passará por essa razão para as minhas mãos, beijando eu antecipadamente as de quem oferece.

TENHO-ME visto à brocha para encher a Casa do Gaiato do estritamente necessário desde que ela é habitada; todos os dias surgem necessidades de utensílios, miudezas, adornos, conforto, coisas — tudo quanto vai desde a agulha à âncora; e a gente tem de levantar os braços e estender a mão. Ora a panela em questão, por ser de alumínio e de tamanho conveniente, está mesmo a calhar para o leite-creme de algum mais biqueirito. Não, certamente, para fazermos do Pobre fidalgo, mas sim dar ao pequenino doente tudo quanto a sua condição razoavelmente exige.

E uma vez que falamos de utensílios de cozinha, eu gostaria que estas pobres regras fossem dar à mão de quem guarda uma panela de doce caseiro para a maré das Colónias de Campo; e esse Quem antecipasse a remessa, enviando desde já para a Coimbra Editora, onde este recoveiro de Pobres procuraria, radiante. Desta sorte, conto dois tentos nestas duas cartadas e torno a baralhar. Cujas novas cartadas é o vestuário da comunidade. A roupa do gaiato, toda no fio, não aguenta a primeira barreira e fica nas mãos de quem na lava; do calçado também não podemos dar boas informações: Roupiças dos teus parentes, em bom uso, têm sido, por vezes, chamadas às fileiras da Obra da Rua, mas parece que o eco se tem perdido nos cuidados e canseiras da vida de cada um e ninguém responde.

QEIXAR-ME, não. Lamento, sim, esses cuidados de si próprio, absolutamente vazios de tudo quanto no mundo é verdadeiramente grande e verdadeiramente belo; choro cuidados assim, porquanto eles são a *senhora Injustiça* que passa e de novo chamo pelos homens de boa vontade, a quem peço me auxiliem na missão de dar ao mundo gente de bem e à Pátria filhos valentes, na Casa do Gaiato Pobre.

TU também choraste de medo e de alegria, ao ver sair da Cadeia, de Lisboa, o Inocente de Trás-os-Montes, como disseram os jornais do dia; e doravante hás-de seguramente olhar com outros olhos os muros da Penitenciária de Coimbra, não tanto pelos criminosos que eles guardam como pelos inocentes que lá moram! Não sei que jeito é o meu, nem que lágrimas me consomem, que nunca pisei chão de Cadeias sem grande medo e tremor; não dos crimes convictos, mas da inocência condenada. Ora se em matéria de justiça um simples erro causou tamanhos danos à vida e à sorte de um Irmão nosso, que grandes estragos não causam aos nossos Irmãos a *Injustiça* nua e crua, que necessariamente deriva do cuidado excessivo de si mesmo, sua pessoa, seu interesse, sua posição, seu luxo, seu Eu. «Ai dos que agora riem e mofam, que depois hão-de chorar!»

O. Amín: 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

«Porquê?!», está dizendo o povo. «Somos inimigos de quem?!»

Direi antes, um joguete na mão dos manobreadores da guerra.

Até quando, meu Deus, este Povo pagará com a vida a angústia dolorosa da fome!

24/7/93

No dia 20 de Maio contei, aqui, de como — com a

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

Irmã Amélia — numa visita aos bairros, ficámos angustiados com o monstro da fome. No final, talvez recordes, vinha este apelo: «Se tu quiseres, podes ajudar esta Irmã, indo com ela aos

bairros com o farnel do que te sobra ou, melhor, do que te faz falta. Basta pões num cheque e mandares: Casa do Gaiato, Caixa Postal 192 — Malanje — Angola. Tão simples! Esperamos por ti, no

SETÚBAL

Depois duma lição tão alargada e dum exemplo tão claro e vivo é grande a nossa esperança na Comunidade

NUMA Casa como a nossa — de rapazes, para rapazes, pelos rapazes — o princípio democrático de eleições livres é o único certo, mas não o mais seguro.

Ele exige que cada eleitor assuma a responsabilidade comum e responda por ela de consciência lavada.

Não escolha o que mais convém aos seus particulares interesses mesquinhos, às suas opções irresponsáveis de deformação humana, à quebra da disciplina mínima, no trabalho, no descanso, na higiene, no zelo pelos valores materiais da Casa e sobretudo pela formação natural e religiosa da consciência própria e alheia.

Sabemos que o mundo dos homens, em muitos casos, não é fiel a este princípio, propondo como candidatos não os mais capazes mas os mais convenientes.

A corrupção instala-se logo na génese democrática.

Na Casa do Gaiato não pode ser assim.

Para obviar a estas dificuldades sentidas e sofridas no meio de nós, com a derrocada dos chefes de há dois anos, antes das eleições do ano passado, consultei, um por um, cada rapaz eleitor verificando que, diante de mim, todos entendiam com nítido senso comum quais deviam ser os candidatos e os eleitos. Só que fomos para o colégio eleitoral livre, secreto e... os indicados pela opinião colectiva limpa não apareceram nos resultados das

urnas, mas sim os que convinha a uma certa laxidão de vida —excepto no caso do maioral.

As férias são férias, também para os chefes. Sempre que possível eles ficam livres das suas responsabilidades como tais, sendo assumidas por outros rapazes, da minha escolha directa.

Assim: arcaram com a liderança na praia, como já disse n'O GAIATO, o «Manjor» no mês de Julho e o Hélio no mês de Agosto.

Tanto um como outro estão a dar o melhor que podem, em atenção, em zelo, em imparcialidade e em generosidade, colaborando com as sacrificadas e heróicas mães de família. Têm sido para elas um arrimo seguro e reconfortante nos constantes problemas que os rapazes naturalmente levantam.

Descansado, confiante e liberto, continuo a atender às inúmeras tarefas que o Verão me traz todos os anos.

Reparámos no mês de Julho, a casa três onde vivem trinta e cinco rapazes dos onze aos quinze anos. O restauro meteu pedreiros, carpinteiros, canalizadores, electricistas, estucadores e pintores. Quando os veraneantes regressaram da Arrábida tinham a sua casa num mimo.

No mês de Agosto atirámo-nos à renovação da casa dois, onde moram tantos como na três, mas em idades mais atribuladas e perturbadoras — quinze, dezasseis e dezassete anos — o período mais difícil do jovem. A casa estava uma lástima, desde os quartos ao balneário, passando pelas mobílias. Tem sido uma autêntica maratona! Tudo é feito com a ajuda dos rapazes, a nossa administração directa, em fidelidade à nossa pobreza e ao método pedagógico da Obra da Rua.

A admirável cooperação dos chefes Hélio e

«Manjor», neste tempo tão pesado, tem sido para mim de alento indiscutível.

Para os sub-chefes eleitos, agora em férias, que ao longo do ano, tantas vezes, se deixaram corromper por medo, cobardia e irresponsabilidade, gerando no meu coração a tristeza e a desconfiança, eles têm sido um espelho de alma pura, claro e insofismável de quem assume a missão de chefe como um pai amoroso e firme.

O «Manjor» continua em casa o seu lugar de comando até ao começo das aulas. Não é tarefa fácil, pois a vida é grande. Os afazeres do campo são muitos e pesados e os encargos com as culturas exigem um cuidado permanente. Tudo é feito pelos rapazes. Não temos ninguém de fora.

O Hélio acabou as aulas já em meados de Julho e,

com o Agosto tão difícil, terá de descansar um pouco pois o ano escolar foi para ele bastante árduo e o próximo não se afigura menos.

Não é alheio a esta alegria que os referidos rapazes me proporcionaram o tema da Festa que levámos em muitos palcos de Abril a fins de Junho — *A Casa do Gaiato uma escola de chefes* — com doutrina bebida na fonte — a sabedoria do Padre Américo que os rapazes, à força de decorar, repetirem e ouvirem, absorveram em boa dose.

Depois de uma lição tão alargada e de um exemplo tão claro e vivo é grande a nossa esperança na Comunidade. É impossível que um ensino assim não faça moza na consciência dos rapazes.

Padre Acílio

Excessos

DIGO da roupa de vestir, aquela a que a ditadura da MODA, fundada em interesses económicos, muda a beleza a ritmo anual com a subserviência das multidões. Assim o que o ano passado foi bonito, este ano é feio — e multidões cuja despersonalização a MODA promove, fazem-lhe o jogo e tratam de pôr de lado. Daí a avalanche que desagua em nossas Casas a ponto de (pelo menos aqui em Paço de Sousa) não termos já tempo para a seleccionar nem sequer onde a guardar.

Nem África, nem as nossas Conferências Vicentinas nem uma ou outra paróquia que cada vez mais raramente nos pedem vestuário são escape suficiente para o caudal que entra.

Não é primeira vez que damos no *Famoso* este sinal de alarme, nem perdemos oportunidade para esclarecer todos os que vêm até nós.

Às vezes as pessoas revelam surpresa porque dizem ter lido no jornal apelos à oferta de roupa. Ora tal leitura só é possível nas presenças de Pai Américo que habitualmente saem em cada edição sob o título

Doutrina, tal como acontece neste número. Só que não reparam que esses textos têm entre cinquenta e sessenta anos — outros tempos mais duros e talvez mais verdadeiros do que os nossos dias.

O que digo da roupa de vestir, já o não digo de outras que não andam à vista, seja roupa interior, seja roupa de cama, de mesa ou de higiene. Nestas, a vaidadezinha dos homens não acusa tamanho ímpeto do império da MODA — por isso a avalanche não acontece.

Que cada Leitor tome nota deste pequenino S.O.S. e passe palavra.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

• Ajuda Fraternal

SUCEDE-ME, com alguma frequência, quando se trata de Pobres e pobreza, ouvir desabaços de pessoas boas, preocupadas, mas de certa maneira desanimadas porque tentaram e não tiveram o êxito que esperavam dos seus esforços. Vou procurar, com a minha pouca experiência, reflectir sobre este assunto. Talvez ajude, no início do ano pastoral, os grupos que elaboram os seus programas na área sócio-caritativa.

Creio que é preciso analisar bem as situações para termos uma ideia correcta do que se passa, sem entrarmos na pecha dos relatórios exaustivos em que os Pobres acabam por ficar sempre com a sua pobreza.

A pobreza, do ponto de vista sociológico, significa a carência de algo que faz falta a uma vida humana digna e feliz, dentro dos padrões normais de uma sociedade. Às vezes pensamos só no económico, mas pode ser também uma pobreza afectiva, cultural, de saúde, etc. Quando falamos de pobreza, entende-se normalmente um nível em que as pessoas não perderam o sentido da sua dignidade. Estão carentes quer momentaneamente quer de forma prolongada e crónica. Demos alguns exemplos: pessoa idosa, vivendo da sua reforma, pode precisar de apoio prolongado e também de apoio afectivo. É uma situação muito comum, hoje em dia, nas nossas cidades. Outra situação é a da viuvez. Momentos difíceis no refazer de vidas em que a ajuda fraterna é essencial na superação da solidão. Recordemos que a Sagrada Escritura enumera o apoio à viuvez, à orfandade e o acolhimento ao estrangeiro como o culto agradável a Deus. Também podemos referir situações de famílias em que a doença criou dificuldades difíceis de superar sem uma efectiva ajuda da comunidade. Nestas situações não são precisos grandes planos ou grandes projectos, basta que os discípulos sejam humanos e deixem que o seu coração se abra e sofra com os que sofrem. Pensemos também na pobreza cultural que exige conscientização, sempre difícil e de longa duração. Lembro o caso do trabalho infantil onde com facilidade se conclui pela inutilidade da escola e as crianças aparecem como meros instrumentos económicos. O mesmo se diga sobre regras de higiene, saúde e alimentação. São questões que dizem respeito aos meios não urbanizados mas aparecem também nos bairros degradados das cidades. Muito poderiam fazer as comunidades cristãs, em colaboração com outras entidades e instituições, para erradicar estas situações.

Existe um outro nível de pobreza, mais baixo do que aquele que estivemos a ver, a que é preferível chamar de situações de miséria. São carências muito mais profundas. Quase sempre o sentido da própria dignidade humana encontra-se gravemente ferido. São estas situações aquelas que mais fazem sofrer quem procura ajudar, onde os resultados aparecem muito lentamente — e levam ao desânimo quem procura resultados imediatos. Também é no trabalho com estas situações que o saborear os frutos é mais gostoso. Podemos dar os exemplos da prostituição, da droga, de muito do mundo das barracas, da falta de vontade de trabalhar ou das vidas feitas de expedientes como é o caso da mendicidade. Trabalhar nestas situações, normalmente são precisas estratégias de ruptura com o passado e muita paciência na espera. Também muito amor e capacidade de todos os dias recomeçar. Precisamos de perceber que o nosso mundo e o mundo deste tipo de pobreza funciona com regras e com normas que quase não têm pontos de contacto. É todo um novo modo de vida que é preciso reconstruir e os homens não se fazem só pela magia do simples discurso. É necessário o tempo para a criação de novos hábitos e, mais difícil ainda, o tempo necessário para a sua interiorização. Apaixona ver nascer homens já feitos como homens novos. Seremos capazes de nos dar o tempo e a doação que esse processo implica?

Padre Manuel Cristóvão

VISTAS DE DENTRO

A nossa oração

— *Vá por aí. Eu vou rezar. Esta vida sem oração não anda.* Foi assim que Pai Américo despediu um bom Amigo que o foi visitar — e me confiou a sua grande admiração pela fé do Fundador da Obra da Rua.

Muitas vezes tenho recordado Pai Américo, no seu cantinho da Capela, ajoelhado com as mãos nos olhos a confiar a Deus-Pai o dia de serviço que fez a favor dos homens nossos irmãos. Ai da vida da Obra da Rua se ele não confiasse e não rezasse!

Estive estes últimos quinze dias na praia com um grupo de quarenta rapazes de duas das nossas Casas do Gaiato. Consoltei-me com a oração do Terço, antes do jantar. O Pai Nosso e a Avé Maria são as orações que a nossa gente simples sabe e gosta de rezar.

Consoltei-me, sobretudo, com o rezar do Bruno, de Lisboa. Voz alta e sempre com muita compostura. Atitude de diálogo com o Céu. Tão marcado pelas ruas e vida da capital! A polícia andou três dias à procura dele. Andava à solta...! Agora, está sempre disponível para ajudar. Cara cheia e feliz. É bem aceite e gosta de ajudar a todos.

Ao fim do dia estes momentos de oração dão equilíbrio aos desequilíbrios do dia. Sentados, com momentos de silêncio, retemperamos forças. Há uma paragem...

Fico triste quando noto que alguns não rezam! Abaixam a cabeça e põem-na sobre as mãos. Atitude de indolência. Não gostam e procuram não gostar. É pena.

Ai da nossa vida se não rezarmos!

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Agosto: 73.175 exemplares.